

Plantas e drogas da Índia na obra *Coloquios* de Garcia d’Orta: um estudo do vocabulário

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Brasil

Depois do descobrimento de seu caminho marítimo, a Índia se tornou para os portugueses o centro das atenções pela riqueza que possuía e singularidade de seus produtos, pelos seus metais e pedras preciosas, pelas suas plantas e especiarias e pelos usos e costumes de seu povo... Tornou-se ela o centro do desconhecido, ou ainda do mal conhecido. As notícias que circulavam sobre ela eram vagas, aguçando ainda mais o espírito dos viajantes.

Foi neste ambiente de fascínio pelas coisas da Índia que Garcia d’Orta, médico e botânico português, formado em medicina em Salamanca e Alcalá, partiu para a Índia, em 1534, na companhia de Martim Afonso de Sousa.

Ía para uma terra donde se sabia pouco e se queria saber mais. Todas as velhas notícias, incompletas, contraditórias, irritavam a curiosidade sem a satisfazerem. Havia na Índia uma meada, e era necessário ir lá desembrulha-la. Orta tinha quasi todas as qualidades necessárias para o poder fazer. Era um naturalista, pela paciência, pela observação fina, pela liberdade de espírito, pela prudência sensata. Faltava-lhe apenas mais algum methodo, e mais alguma clareza na exposição. Ía munido de vastos conhecimentos, de largas leituras, e levava consigo os mais importantes livros sobre a especialidade. ^[1]

Depois de ter viajado pela Índia, Orta estabelece-se em Goa e aí inicia seu trabalho de pesquisador que não se contentava apenas em ouvir falar das plantas e drogas, mas necessitava vê-las, examiná-las, conhecer suas propriedades curativas. No *Coloquio setimo* ele diz: “folgueis de ouvir minhas verdades ditas sem cores rethoricas, porque a verdade se pinta nua” ^[2]. Foi partindo da observação do real que escreveu sua obra *Coloquios dos simples, e drogas e cousas medicinais da India*, publicada em 1563 por Joannes de Endem, em Goa.

A publicação de Goa, com uma tiragem bastante reduzida e com muitos erros tipográficos, de alteração de páginas, erros na indicação dos colóquios, ficou, praticamente, desconhecida até 1567, quando o botânico francês Charles de l’Escluse, mais conhecido por seu nome latino de Carolus Clusius, vendo a importância e o valor da obra de Orta, resolveu vertê-la para o latim, língua de difusão da cultura na época, alterando-lhe a ordem dos colóquios, desfazendo a forma dialogada da edição original e acrescentando-lhe várias gravuras das plantas.

Foi a partir da obra de Clusius, que recebeu o título *Aromatvm et simplicivm aliquot medicamentorum apvd indos nascentivm historia* que os *Coloquios* foram conhecidos e divulgados pela Europa, sendo traduzidos para outras línguas. Em pouco menos de um século 15 edições dos *Coloquios* comentados em língua estrangeira são publicados, sendo seis em latim, oito em italiano e uma em francês.

O trabalho de Orta de 1563 está constituído de 59 colóquios, onde Orta e Ruano um médico seu amigo de Salamanca e Alcalá, conversam sobre as plantas, drogas, usos e costumes dos indianos, doenças e modo de tratá-las. Os 59 colóquios estão organizados em ordem alfabética e cada um trata de uma ou mais plantas e das mezinhas que delas podem ser feitas. Durante os diálogos entre os dois interlocutores, muitas passagens pitorescas sobre a vida dos nativos tornam a obra interessante. Mas seu grande valor advem da natureza de especialista de seu autor e dentro da especialidade sua qualidade de erudito. Sobre esse aspecto diz Ficalho ^[3] :

Onde os outros apenas observavam com melhor ou peor criterio natural, elle esclarece as suas observações à luz de uma erudição vasta e segura. A proposito de cada assumpto, lembrava-se do que haviam dito os gregos, e o arabes, e os modernos.

Depois da primeira edição de 1563, houve mais duas tentativas em 1841 e 1872 de reimpressão da obra, mas nenhuma logrou bom resultado. Foi, posteriormente, a Academia Real das Ciências de Lisboa que designou Francisco Manuel de Mello Breyner, 4º Conde de Ficalho, para cuidar da reimpressão dos *Coloquios* que saiu publicada em 1891 pela Imprensa Nacional de Lisboa. Nesta edição, em dois volumes, Ficalho faz algumas alterações, como: dar maior espaçamento à fala de cada interlocutor e ao final de cada colóquio apresentar notas explicativas ao texto, além de adaptações ortográficas que julgou necessárias. Esta edição é muito importante, pois esclarece alguns pontos da obra e apresenta a classificação botânica moderna das plantas nas notas explicativas.

Em 1963, a mesma Academia de Ciências publicou uma edição fac-similada em comemoração aos 400 anos da publicação de Goa.

Da edição de 1563 devemos ressaltar que foi a quarta obra impressa na cidade de Goa, e a que traz o primeiro poema escrito por Luiz de Camões dedicado ao amigo Garcia d'Orta.

Nosso interesse em estudar a obra de Orta se deve ao fato de ela apresentar um vasto material lingüístico-filológico que nos permite, através da organização de seu vocabulário, ter uma visão de mundo de uma época de conquistas dos portugueses e, principalmente, uma visão de mundo da cidade

de Goa sob domínio português. Além disso, a obra em forma de diálogos nos apresenta uma linguagem coloquial, onde as plantas, as drogas e as enfermidades são descritas conforme as observou o seu autor. Não há, portanto, uma linguagem científica. Há uma maneira peculiar de Orta recortar a realidade extralingüística; e isto dá à sua obra uma feição particular. Notamos, ainda, que as descrições dadas por Orta para as plantas e drogas vêm a se constituir definições encontradas nos dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, principalmente nos trabalhos lexicográficos de Bluteau, Morais e Vieira. Outro aspecto interessante e objeto de nosso estudo é a mudança semântica que as unidades lexicais sofreram ao longo do tempo e também as variantes lingüísticas que o texto apresenta, dificultando, muitas vezes, a sua localização nos dicionários consultados.

A partir da edição de 1563 em fac-símile e em microfilme, comparada à edição de 1891, organizada por Ficalho, organizamos um repertório lexical que foi consultado nos seguintes dicionários: 1) *Vocabulario Portuguez e Latino*, do Pe. Raphael Bluteau; 2) *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de António de Morais Silva, em suas duas primeiras edições; 3) *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, de Fr. Domingos Vieira. Completam nossa consulta os dicionários etimológicos: 1) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado; 2) *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha; 3) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes; e 4) *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, de Ernout e Meillet.

Para a organização do repertório lexical, analisamos cada colóquio em separado, já que entre eles não há uma relação de continuidade, consultando unidade por unidade, isolada e contextualmente. Muitas dessas unidades guardam a mesma forma de expressão na língua portuguesa atual, mas sofrem alteração em sua realidade semântica. Assim, mesmo que cada colóquio possa ser analisado unitariamente, na organização do repertório lexical podemos reunir as unidades lexicais em determinadas áreas temáticas o que dá uma ordenação ao vocabulário. Portanto, para esta comunicação, selecionamos as unidades lexicais designativas de algumas plantas que têm propriedades narcóticas, estimulantes sexuais e conciliadoras do sono, de uso freqüente na Índia, extraídas de alguns colóquios.

O trabalho de Orta apresenta um processo interessante de remissão de uma planta para outra. Não havendo àquela época um sistema classificatório científico, a descrição da planta e sua comparação com outras são os meios que o autor utiliza para informar seu interlocutor Ruano sobre ela.

Para a análise das unidades que, a seguir apresentamos, adotamos alguns procedimentos: 1) as unidades lexicais estão destacadas entre aspas; 2) na transcrição dos textos extraídos dos colóquios utilizamos a edição de 1891 já que a de 1563 apresenta algumas grafias das letras difíceis de serem transcritas.

O *Coloquio Vigésimo* trata da “datura” e dos “doriões”, mas apenas nos ocuparemos da primeira por ser uma planta narcótica. Segundo Silva Carvalho ^[4], biógrafo de Orta, o uso da “datura” era muito comum em Goa. As mulheres, muitas vezes, embebedavam seus maridos com “datura” para poderem agir mais livremente.

É importante ressaltar que Bluteau e Morais não registram a forma “datura”. Somente conseguimos localizá-la através do dicionário etimológico de Machado que nos remete a duas formas variantes “dutura” e “dutrô”; esta última, por sua vez, está em Bluteau. Vieira registra ambas as formas e Morais, curiosamente, não registra nenhuma delas. Bluteau define: “He huma erva da India, a qual lança de si huns pomos, que embebedão muito, & tão que a pessoa, a que se dá ou em vinho, ou em agoa, ou no comer, por espaço de vinte & quatro horas, se não levanta nem está em seu acordo”. A definição de Bluteau segue *pari passu* a informação de Orta. É importante destacar que Bluteau não cita Orta em nenhum momento, muito provavelmente por ter sido o nosso autor condenado pela Inquisição de Goa e Bluteau ter sido qualificador do Santo Ofício. Ao contrário, Morais não cita Orta na relação dos autores portugueses que formaram o *corpus* de referência para o seu dicionário, mas o cita em inúmeros verbetes abonando os exemplos.

Para curar a bebedeira Orta recomenda um “cristel”, um “vomitivo”, “ventosa”, “ligatura” e “sangria” no artelho. Destes procedimentos médicos a “ligatura” ou “ligadura”, a “ventosa” e a “sangria” eram empregados em casos graves e tinham por finalidade expulsar os humores do corpo. Assim a “ventosa” é conhecida como um instrumento, ou seja, “um vaso de metal, ou vidro, cujo ar interior se rarefaz por meio de huma estopa queimada, e applicando-se pela boca á carne prende nella, dilatando-se o ar interno do corpo, por achar menos resistencia no da ventosa” (Morais). Já a “sangria”, prática bastante usada, é “incisão feita na veia, ou arteria para se soltar o sangue do corpo” (Morais).

Como já mencionamos anteriormente, Orta, em seu texto, toda vez que define alguma planta o faz por comparação com outras. Assim a “datura” tem a folha “a feiçam de branca-ursina” ^[5] que é uma “erva assim chamada, porque a alguns pareceo, que sua folha tem alguma semelhança com a mão, ou pè do Urso [...] He esta planta emolliente, resolutive, & usada em ajudas, & cataplasmos”, descrita por Bluteau e Morais, e “a frol que naçe pellos ramos, he como rosmaninho na cor” ^[6]. Desta forma, o texto de Orta se torna um texto rico, apresentando um repertório lexical muito grande sobre as plantas.

Para indicar ainda algumas qualidades da “datura” diz “que he fumosa esta erva, com alguma venonisidade” ^[7]. Quanto ao adjetivo “fumosa”, refere-se, muito provavelmente, ao cheiro da erva quando está em cozimento. Quanto à “venonisidade”, cremos que houve erro tipográfico já que o texto

de Orta fala da qualidade venenosa da planta. A forma deve ser, portanto, “venenosidade”, como dicionariza Bluteau.

Tratada no *Coloquio Vigesimo Segundo* intitulado *Do faufel, e dos figos da India*, Orta fala da “areca” que os portugueses chamam de “auelam da india” e os árabes “faufel”. Esta planta dicionarizada em Bluteau e Morais, é definida, assim, por Bluteau: “He quasi a modo de avellã, ou noz pequena, & ovada, com casca verde, mas amarella, quando madura”. Suas propriedades ou virtudes conforme o texto são: “estupefativa” e “emotoica”. Tais adjetivos, termos da medicina, são, respectivamente: “O que causa estupor, sono” e “o doente de Hemoptise” em Morais. Com relação à forma “emotoica” do texto, localizamos em Bluteau “hemoptoico” e em Morais “hemoptico”, guardando o mesmo significado. Como diz o texto de Orta: “...he estupefativa e embebida, porque os que a comem se sentem bebedos, e comemna por nam sentir a dor grande que tem”^[8].

A unidade lexical “virtude” que aparece constantemente no texto de Orta tem o seguinte significado: “He aquella faculdade ingenita em todos os corpos, & potencias naturaes, para produzir os effeitos e operaçoens que dependem das suas propriedades e qualidades” (Bluteau).

É interessante observar que Bluteau é o único dicionarista que registra a forma arábica fauzel que é o mesmo “faufel” de Orta.

No *Coloquio Octavo Do Banguê*, verificamos que a unidade lexical “banguê” não está dicionarizada em Bluteau e Morais; aparece apenas em Vieira como: “Nome vulgar indiano da *cannabis indica*, que se prepara por meio de siccação para uso dos fumadores”. Vieira registra também que o “banguê” vem do árabe “bang” e equivale a “meimendro”. Esta unidade, no entanto, está registrada em Bluteau e Morais e, especialmente em Bluteau, está descrita com as mesmas propriedades que Orta apresenta para a planta. Por comparação Ruano diz: “Esta semente parece a do linho *alcanave*...”^[9]. Orta usa “alcanave” ou “alcaneve”, formas variantes dicionarizadas e que significa, conforme Morais: “Especie de linho louro”. É interessante que Morais na edição de 1813 de seu *Diccionario* abona sua definição com os *Coloquios* de Orta.

Com as folhas de “banguê” e a semente faz-se uma bebida que “serve para embebedar & estar fora de si”. Com relação a isso, Orta usa de substantivos e adjetivos que qualificam homens e mulheres que da bebida fazem uso. Assim, o homem fica “prazimenteiro” e as mulheres “graciosas” e fazem “choquarerias”. O adjetivo “prazimenteiro” não está dicionarizado; registram os dicionários “prazimento” com o significado de “consentimento, querer, aprovação” (Morais). Pelo contexto, cremos ser a forma “prazenteiro” que significa “alegre, festivo”. Já “choquareria”, registrada em Bluteau e Morais “chocarreria” que significa “chocarrice, chança grosseira, graçolas, dittos de caturras,

bufonarias”, refere-se às mulheres quando pretendiam conquistar algum homem. Para os homens Orta diz: “...pera ajudarse a comprazer às mulheres”^[10] ou como no colóquio que veremos adiante “pera obra de Venus aproveita”^[11].

Continuando a nossa análise relacionamos, a seguir, as “cubebas”, de origem árabe “cubebe” e “quabeb”, no *Coloquio Decimo Nono*, planta considerada estimulante sexual. Orta a descreve “...nadem como cachos, não pegados os grãos em hum cacho, como uvas, mas dependem de um pe cada um; e sam na propria sua regiam tam estimadas estas cubebas, que as cozem la primeiro que dahi as leixam levar...”^[12]. Esta informação está registrada em Bluteau.

A principal virtude das “cubebas”, a de ser estimulante sexual, aparece no texto de Orta designada pelos sintagmas nominais: “Venus em suas vodas”^[13]; “festa a rainha Venus”^[14] e “amigas de Venus”^[15].

Consultando o dicionário de Vieira, já que Moraes apenas diz: “cubebas- fruto aromatico. Medicinal”, encontramos uma definição científica classificando a planta de acordo com a Botânica. No *Thesouro* de Vieira a unidade aparece dicionarizada no singular “cubeba”.

Finalmente, temos a última planta de nosso repertório, bastante conhecida e usada na Índia. É o “amfiam” ou “opio”. Já no título do *Coloquio Quadragesimo Primeiro* Orta diz: “Do amfiam dito corrompidamente porque o seu nome he opio”^[16].

O “amfiam” está dicionarizado desde Bluteau e é o nome dado na Índia ao ópio. A definição de “amfiam” só é encontrada na entrada “opio” dos dicionários. Moraes o define como “o sumo das dormideiras, ou a lagrima naturalmente destillada dellas, que é veneno, ou remedio segundo as doses”. É esta a definição de Orta: “Nam he mais que a guoma das durmideiras, o qual eu soube em Cambaiete”^[17]. O substantivo feminino plural “durmideiras” é definido por Moraes como: “Herva vulgar, hortense, ou campestre; dá-se entre os pães, concilia sono; há dellas varias especies (*papaver*)”. Orta diz desconhecer a “durmideira preta” mencionada por Ruano. Desconhecia Orta que a espécie negra é a da papoula, informação dada por Bluteau.

Segundo Orta o sumo é usado com constância, mas em doses pequenas pelos indianos. Esta informação está registrada em Bluteau. Como diz Orta: “Faz os homens que a comem andar dormindo; e dizem que o tomam pera nam sentir o trabalho”^[18].

Orta informa ainda que o “amfiam” não é usado para “deleitaçam carnal”, porque a droga faz, às vezes, efeito contrário. Diz nosso autor a Ruano: “Eu vos direy pera que aproveita, se me derdes licença, porque a materia não he muyto limpa em especial dita em português”. [19] O sintagma “deleitaçam carnal”, já dicionarizado, se refere aos prazeres sexuais. À época dos *Coloquios*, a palavra “sexo”, vindo do grego por via culta latina, não era empregada. Tratar desses assuntos não era prática muito honesta, conforme Orta diz a Ruano: “E bem sei que isto o entendeis muyto bem, mas se o escreverdes em romance, não parecerá practica muito honesta” [20].

Segundo Ernout e Meillet a palavra latina “sexus-us” tinha uma equivalente neutra “secus”, do verbo “secare”, significando “cortar, recortar”, que era empregada sempre com adjetivos “uirile” ou “muliebre”. Os dicionaristas deixam em dúvida se “sexus” estaria no mesmo grupo da palavra “secus” de “secare”. Quanto à data do emprego da palavra “sexo” em português, Cunha a registra em 1572 e, portanto, posterior aos *Coloquios*.

O “amfiam”, segundo Orta, possui duas virtudes, no caso da “deleitaçam carnal”: a “vertude imaginativa” e a “vertude espulsiva”. Diz Orta: “...porque os que comem este amfiam, estão como fóra de si”. [21]

Cabe aqui uma informação importante. Observamos que Orta usa, na grande maioria das vezes, a unidade “amfiam” em lugar de “opio”. Informa o nosso autor que a forma “amfiam” usada pelos portugueses na Índia, é a forma corrompida de “afiom ou “ofiom” dos árabes que, por sua vez, a trouxeram do grego “ópion”, significando “sumo das dormideiras”. Nascentes [22] registra : “Do grego ópion, suco (de papoulas) pelo lat. opiu”. Machado, por sua vez, ao fazer nota remissiva de “amfiam” para “opio”, diz que no início do século XVI a forma “amfiam” usada por Duarte Barbosa (1516) em seu *Livro em que se dá relação do que viu e ouviu no Oriente*, pode ser considerada um neologismo, já que a forma mais usual era “opio”.

Para concluir, transcrevemos as palavras de Silva Carvalho, renomado biógrafo de Orta que, com precisão, marca o lugar do naturalista no quinhentismo português:

[...] foi pela vastidão dos seus conhecimentos e mais ainda pela forma como encarnou o movimento intelectual do seu tempo, pelo que deixou, a-pesar-de ser homem dum só livro, um dos sábios portugueses que melhor representa a renascença científica de quinhentos, deixando a herança preciosa onde historiadores, etnólogos, lingüísticos, botânicos e médicos hão-de ir buscar sempre elementos para o seu estudo. Fixe-se bem a circunstância que o nosso grande naturalista foi com outros portugueses contemporâneos, dos que, fora da influência dos factores que em

Itália determinaram o renascimento científico, encarnaram o mesmo espírito, seguiram o mesmo caminho e atingiram fins idênticos ^[23].

[1] Cf. FICALHO, Conde de. *Garcia da Orta e o seu tempo*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. p. 349.

[2] Cf. ORTA, Garcia d'. *Coloquios dos simples e drogas da Índia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1891. p. 79. v. I.

[3] Cf. FICALHO, op. cit., p. 282.

[4] SILVA CARVALHO, Augusto. Garcia d'Orta. *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 12, p. 109, 1934.

[5] ORTA, op. cit. p. 297.

[6] Idem, ibidem, p. 297.

[7] Idem.

[8] ORTA, op. cit., p. 327.

[9] Idem, ibidem, p. 95.

[10] Idem, ibidem, p. 96.

[11] Idem, ibidem, p. 171.

[12] Idem, ibidem, p. 288.

[13] Idem, ibidem, p. 287.

[14] Idem, ibidem, p. 291.

[15] Idem, ibidem, p. 292.

[16] Idem, ibidem, p. 171.

[17] Idem, ibidem, p. 174.

[18] Idem, ibidem, p. 171.

[19] Idem.

[20] Idem, ibidem, p. 172.

[21] Idem.

[22] Cf. NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1932.

[23] SILVA CARVALHO, op. cit., p. 174.